

Determinantes da perda de emprego feminino durante a pandemia da Covid-19

Maria Victoria Garcia Rosa*

Ricardo da Silva Freguglia†

Carlos Henrique Leite Corseuil‡

Resumo

A crise sanitária da COVID-19 afetou a sociedade de diversas maneiras. Diferente das crises econômicas anteriores, a crise causada pela pandemia teve maior impacto sobre os setores que possuem maior número de mulheres empregadas e o fechamento de creches e escolas aumentou o tempo gasto em afazeres domésticos e com o cuidado de pessoas, sendo estes fatores que contribuíram para que as mulheres perdessem mais postos de emprego do que os homens. Dados os diferentes impactos da pandemia para homens e mulheres, o objetivo do trabalho é analisar os principais determinantes para a transição feminina do emprego para o desemprego ou inatividade. Para isso, são utilizadas as bases de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do primeiro trimestre de 2019 em conjunto com a PNADC do segundo e terceiro trimestre de 2020, em que é aplicada a metodologia de mínimos quadrados ordinários. Os resultados obtidos indicam que, para as mulheres, estar ocupada em emprego informal no período pré-pandêmico teve mais impacto sobre a transição na ocupação do que a presença de filhos em idade escolar.

Palavras-chaves: Mercado de trabalho. COVID-19. Trabalho feminino.

Abstract

The COVID-19 health crisis has affected society in many ways. Unlike previous economic crises, the crisis caused by the pandemic had the greatest impact on sectors that have the largest number of women employed, and the closing of daycare centers and schools increased time spent on household chores and caring for people, which were factors that contributed for women to lose more jobs than men. Given the different impacts of the pandemic on men and women, the objective of the work is to analyze the main determinants for the female transition from employment to unemployment or inactivity. For this, the databases of the Continuous National Household Sample Survey (PNADC) of the third quarter of 2019 are used together with the PNADC of the second and third quarter of 2020, in which the ordinary least squares methodology

*Doutoranda em Economia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

†Professor no Departamento de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

‡Professor Colaborador no Departamento de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

is applied. The results obtained indicate that, for women, being employed in informal jobs in the pre-pandemic period had more impact on the transition in occupation than the presence of school-age children.

Key-words: Job market. COVID-19. Female labor force.

1 Introdução

A pandemia da COVID-19 afetou a sociedade em aspectos sociais e econômicos, e de maneira repentina. Em relação a economia, o fechamento de comércios e as restrições de circulação levaram a uma alta perda de empregos, em que trabalhos que necessitam maior contato pessoal, como comércio e serviços, foram mais afetados do que aqueles que podem ser feitos de forma remota (BARBOSA; COSTA; HECKSHER, 2020; CORSEUIL et al., 2021). Além disso, a capacidade das pessoas de trabalhar também foi afetada devido a fatores como o fechamento de creches, escolas e outros tipos de serviços de cuidado de adultos e crianças (GOLDIN, 2022).

Apesar da crise afetar o bem-estar social de toda a sociedade, os seus efeitos ocorrem de forma heterogênea no mercado de trabalho. Diversos estudos apontam que os grupos mais vulneráveis, como mulheres, jovens, minorias raciais e os menos escolarizados foram mais afetados pelo desemprego e pela inatividade do que homens, brancos e pessoas com alta escolaridade (BOCA et al., 2020; ALON et al., 2020; ILO, 2020; ADAMS-PRASSL et al., 2020; AVDIU; NAYYAR, 2020; FAIRLIE; COUCH; XU, 2020; FANA et al., 2020; POULIAKAS; BRANKA, 2020; GUTIÉRREZ; MARTIN; ÑOPO, 2020; MAURIZIO; BERTRANOU, 2021; BARBOSA; COSTA; HECKSHER, 2020; CORSEUIL et al., 2021; WROBLEVSKI; CATELAN; SOUZA, 2021). No que tange a educação, pessoas mais instruídas possuíam mais capacidade de trabalhar de forma remota, assim, os diferenciais educacionais foram mais exacerbado em relação às demais recessões. Dentre as mulheres, as mais afetadas foram as mães de crianças em idade escolar, negras e hispânicas, mães solteiras e filhas adultas que cuidavam dos pais (GOLDIN, 2022). Assim, dentre as diversas consequências da COVID-19, ressalta-se o aumento das desigualdades socioeconômicas, especialmente no que tange a ocupação.

Segundo autores como (CORSEUIL et al., 2021; GUTIÉRREZ; MARTIN; ÑOPO, 2020; MAURIZIO; BERTRANOU, 2021; WROBLEVSKI; CATELAN; SOUZA, 2021; ILO, 2020), trabalhadores do setor informal perderam seus empregos com maior intensidade. No Brasil, a taxa de desemprego no quarto trimestre de 2019, período pré pandêmico, era de cerca de 11,1% e 41,6% dos ocupados estavam em empregos informais, sendo a maioria do sexo feminino. Entre as mulheres, a desocupação era de 13,4%. Por sua vez, 9,2% dos homens estavam desempregados. Com o início da pandemia, o já alto nível de informalidade e a falta de seguridade social contribui para o aumento da taxa de desemprego, que aumenta de forma contínua até atingir seu pico, no primeiro trimestre de 2021, com 14,9% da população desempregada, em que a taxa entre as mulheres brasileiras era de 18,5%, superior à taxa de desocupação dos homens, de 12,2%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021).

A perda do emprego afeta a carreira ao diminuir as oportunidades de progressão, além de gerar uma redução do salário esperado dado o alto retorno do mercado à experiência (ALON *et al.*, 2020). Tais impactos são ainda maiores quando se tem uma alta taxa de desemprego na sociedade (BRAND, 2006; DAVIS; WACHTER, 2011). Além disso, o sustento dos homens se recuperou mais rapidamente das crises anteriores do que o das mulheres (UN, 2020a). Essas descobertas sugerem que a pandemia prejudicará a renda e o progresso do trabalho das mulheres mais do que o dos homens, ampliando a desigualdade de gênero já existente (CARLI, 2020).

Outro impacto da pandemia no que tange o mercado de trabalho foi a redução das horas trabalhadas (ILO, 2020). Estudos internacionais encontram resultados que indicam uma maior redução do tempo gasto no mercado de trabalho para mulheres com filhos do que para homens com filhos, sendo essa redução de até cinco vezes superior para as mães. Tais resultados são atrelados aumento do tempo gasto em afazeres domésticos e ao cuidado de pessoas (COLLINS *et al.*, 2021; REICHELTL; MAKOVI; SARGSYAN, 2021).

Mesmo com o aumento do tempo que os homens gastam em afazeres domésticos e cuidado de pessoas, essas atividades ainda são majoritariamente realizadas por mulheres. O fechamento de creches e escolas aumentou ainda mais a demanda por cuidado com os filhos, sendo que esse aumento foi, em sua maior parte, absorvido pelas mulheres. Assim, as desigualdades já existentes relacionadas a alocação de tempo intradomiciliar foram ressaltadas (ADEMA; CLARKE; THEVENON, 2016; ADDATI *et al.*, 2018).

Além disso, as interrupções nas horas de trabalho remunerado das mulheres aumentaram mais do que as dos homens, de modo que os pais têm cerca de duas vezes mais horas de trabalho remunerado ininterrupto do que as mães (UN, 2020a; ANDREW *et al.*, 2020; GOLDIN, 2022). Como consequência da divisão desigual do trabalho doméstico, as mães empregadas reduziram o tempo dedicado aos seus empregos mais do que os pais, principalmente entre casais com filhos pequenos (COLLINS *et al.*, 2021).

Dado os diferentes impactos da pandemia para homens e mulheres e a maior perda de emprego para trabalhadores do sexo feminino, o objetivo do trabalho é analisar os principais determinantes da transição do emprego para o desemprego ou inatividade durante a crise causada pela Covid-19. As principais hipóteses são que ser mulher e ter filhos em idade escolar ou estar em emprego informal no período pré-pandemia tem alta contribuição para a transição para o desemprego ou inatividade. Para o atingir o objetivo proposto, são utilizadas as bases de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNADC) do terceiro trimestre de 2019 em conjunto com a PNADC do segundo e terceiro trimestre de 2020, do IBGE e aplica-se a metodologia de mínimos quadrados ordinários. O trabalho é composto por essa introdução, discussão sobre a base de dados, revisão da literatura, estratégia empírica, resultados e considerações finais.

2 Base de Dados

A base de dados utilizada é a PNAD Contínua (PNADC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A amostra da PNADC é construída como um painel rotativo, em que os domicílios são visitados a cada três meses e por cinco trimestres consecutivos. Assim, é possível observar os indivíduos ao longo desse intervalo de tempo. Os períodos utilizados no presente trabalho são o terceiro trimestre de 2019 e o segundo trimestre de 2020. Além disso, também é realizada a análise de transição no *status* do emprego entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2020. Tais períodos são escolhidos porquê a informação da frequência escolar pode não ser bem captada nos períodos de primeiro e quarto semestre, devido à sazonalidade. Portanto, pode-se observar a situação empregatícia antes e depois do início da pandemia. São considerados indivíduos com idade entre 21 e 50 anos.

Para acompanhar a mudança do *status* do emprego, é necessária a identificação dos indivíduos na base de dados. Inicialmente, a identificação longitudinal dos domicílios é realizada com as variáveis indicadas pelo IBGE. Por sua vez, a identificação de pessoas em cada domicílio é gerada a partir do sexo e da data de nascimento de cada morador, nos casos em que essa combinação é única.

Nas primeiras estimações realizadas, a variável dependente é uma *dummy* com valor igual a um se o indivíduo estava empregado no terceiro trimestre de 2019 e desempregado ou inativo no segundo trimestre de 2020 e zero caso contrário. Posteriormente, a variável dependente é uma *dummy* com valor igual a um se o indivíduo estava empregado no terceiro trimestre de 2019 e desempregado ou inativo no terceiro trimestre de 2020 e zero caso contrário. Além disso, a amostra é restringida para começar com indivíduos ocupados. A Tabela 1 apresenta as variáveis explicativas utilizadas e suas estatísticas descritivas¹. Pode-se observar que, cerca de 50% da amostra é do sexo feminino e a idade média é de 34 anos. As principais variáveis de interesse são as interações “Mulher*Filho” e “Mulher*Informal”.

¹ As estatísticas descritivas são apresentadas utilizando o peso amostral.

Tabela 1 – Variáveis Explicativas e estatísticas descritivas

Variável	Descrição	Média	Desvio Padrão	Mín.	Máx.
Feminino	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo é do sexo feminino.	0,510	0,499	0	1
Filho estudante	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo possui filho com idade entre 5 e 14 ano e que frequentava a escola no 1º trimestre de 2019.	0,298	0,457	0	1
Informal	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo está ocupado em emprego informal.	0,432	0,495	0	1
Negro	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo se declara como preto, pardo ou indígena.	0,583	0,492	0	1
Mulher*Filho	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo é do sexo feminino e possui filho estudante.	0,153	0,360	0	1
Mulher*Informal	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo é do sexo feminino e está ocupado em emprego informal.	0,0823	0,274	0	1
Chefe	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo é chefe da família.	0,411	0,492	0	1
Idade	Idade do indivíduo.	34,967	8,469	21	50
Dependente	<i>Dummy</i> igual a 1 se há no domicílio crianças fora da escola ou idosos.	0,426	0,494	0	1
EM Completo	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo possui ensino médio completo.	0,362	0,480	0	1
Ensino Superior	<i>Dummy</i> igual a 1 se o indivíduo possui ensino superior incompleto ou completo.	0,272	0,445	0	1
Observações		334.759			

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do IBGE (2021).

3 Efeitos da COVID-19 sobre o trabalho

A pandemia da COVID-19 teve efeitos negativos sobre toda a economia mundial. A paralisação de diversas atividades econômicas e a necessidade de distanciamento social reduziu os níveis de consumo e investimento (KHAMIS et al., 2021). Como resultado, ocorreu um aumento do desemprego e inatividade, redução da jornada de trabalho e dos salários (AVDIU; NAYYAR, 2020; BÉLAND; BRODEUR; WRIGHT, 2020; KHAMIS et al., 2021; MAURIZIO; BERTRANOU, 2021; POULIAKAS; BRANKA, 2020; GUTIÉRREZ; MARTIN; ÑOPO, 2020).

As evidências empíricas relacionadas aos impactos da pandemia sobre o trabalho sugerem que há uma heterogeneidade significativa a depender de características individuais dos trabalhadores, como raça, sexo, escolaridade, suas posições ocupacionais, contratos de trabalho e vínculos empregatícios. Apesar disso, várias evidências indicam que as mulheres têm sido um dos grupos mais afetados pela pandemia (COLLINS et al., 2021; COSTA; BARBOSA; HECKSHER, 2021; ADAMS-PRASSL et al., 2020; ALON et al., 2020; COWAN, 2020; FARRÉ et al., 2020; KRISTAL; YAISH, 2020; MONTENOVO et al., 2020).

Em países como Estados Unidos, Austrália, Colômbia, Canadá e Japão, o desemprego cresceu mais entre as mulheres. A maior frequência do desemprego feminino é atribuído à necessidade de distanciamento social, que afetou, principalmente, setores como acomodações, alimentação, turismo e artes, predominado por trabalhadores do sexo feminino (CARLI, 2020; ALON et al., 2020; HUPKAU;

PETRONGOLO, 2020). Nos países em desenvolvimento, a maior parte das mulheres se encontram em empregos informais, que foram ainda mais impactados pela crise dado a falta de seguridade social (ILO, 2020).

Outro fator de alto impacto sobre o trabalho feminino é o aumento do tempo gasto com o cuidado de pessoas e afazeres domésticos (ALON et al., 2020; MA; SUN; XUE, 2020; BLUNDELL et al., 2020). Na Inglaterra, pesquisas de uso do tempo indicam que homens e mulheres aumentaram o tempo gasto com o cuidado de crianças, mas esse aumento foi maior pra as mulheres, mesmo para aquelas que continuaram empregadas. Além disso, as interrupções que as mães sofrem para cuidar dos filhos enquanto exercem seu trabalho de forma remota ocorre com maior frequência do que para os pais (CARLI, 2020).

Assim como na Inglaterra, nos Estados Unidos ambos os pais aumentaram o tempo gasto como o cuidado das crianças, mas apenas uma parcela pequena dos casais relata que as atividades domésticas são divididas de forma igualitária dentro do domicílio, sendo as mulheres as responsáveis pela maior parte dos afazeres domésticos e cuidado de pessoas (CARLSON; PETTS; PEPIN, 2020). Resultados semelhantes foram relatados em pesquisas para Europa Oriental e na Ásia Central (UN, 2020b), Alemanha (HANK; STEINBACH, 2021), Reino Unido (SEVILLA; SMITH, 2020; BIROLI et al., 2021), Itália (BOCA et al., 2020; BIROLI et al., 2021) e Estados Unidos (BIROLI et al., 2021). Tais fatores limitam a capacidade feminina de trabalho, especialmente quando estes não podem ser realizados de forma remota (ILO, 2020).

Ma, Sun e Xue (2020) documentam dados para a China durante o período pandêmico. Os resultados da análise apontam que o aumento da demanda por cuidado infantil leva a uma redução da probabilidade de os pais retornarem ao trabalho quando ocorre a reabertura dos locais de trabalho, mas as escolas permanecem fechadas. Tais impactos são maiores para mães, trabalhadores migrantes, famílias de baixa renda e trabalhadores do setor privado. O estudo mostra que o aumento repentino na carga de cuidados infantis pode reduzir a oferta de trabalho, mesmo entre os pais de alunos do ensino médio.

A fim de analisar os impactos da desaceleração econômica causada pela pandemia sobre o emprego e a renda das mulheres judias israelenses em relação aos homens, Kristal e Yaish (2020) realizam uma análise descritiva e concluem que a crise econômica pode ter um impacto duradouro sobre a desigualdade de gênero. Os achados iniciais, mostram que as perspectivas das mulheres para o emprego são menos otimistas do que a dos homens, o que sugere um efeito mais prolongado do que o esperado. Os autores também encontram que os efeitos sobre o salário e emprego foram mais severos para as mulheres, o que levou a um aumento na diferença salarial entre os gêneros, explicado não somente pelo maior desemprego mas também pela transição das mulheres para trabalhos de meio período.

A perda de postos de trabalho também foi maior para mulheres do que para os homens na Espanha. Fazendo uso de um modelo probit, Farré et al. (2020) encontram que o desemprego ocorre

com menor frequência para pessoas mais educadas. Também ocorre um aumento do tempo gasto com o cuidado das crianças, sendo as mulheres as principais responsáveis pela absorção do trabalho adicional. Assim, as desigualdades observadas antes da pandemia foram reforçadas no país europeu (FARRÉ et al., 2020).

Por meio de modelos de probit multinomial e mínimos quadrados ordinários, Reichelt, Makovi e Sargsyan (2021) encontram para os Estados Unidos, Alemanha e Singapura resultados que apontam redução no tempo gasto no trabalho, transição para o desemprego e para o emprego remoto. Tais acontecimentos são mais frequentes para mulheres do que para homens, mas ocorrem em diferentes intensidades entre os três países.

Usando um modelo de efeitos fixos, Collins et al. (2021) obtêm resultados que indicam que, a partir do mês de abril de 2020, ocorre uma redução significativa no tempo gasto no trabalho, especialmente para mães de crianças pequenas. Os autores relacionam esses resultados ao fechamento de creches e escolas e o consequente aumento do tempo gasto com o cuidado dos filhos. No que tange o tempo que os homens alocam no mercado de trabalho, se observa uma pequena mudança, apesar disso, não é significativa para pais de crianças pequenas, em contraste com o resultado alcançado para as mulheres.

Em uma análise para os Estados Unidos, Goldin (2022) encontra resultados que indicam que mulheres com ensino superior e filhos pequenos aumentaram a taxa de participação no mercado de trabalho, o que pode ser explicado pelo aumento de oportunidades de emprego devido ao trabalho remoto. Por outro lado, mulheres com filhos pequenos e com baixo nível educacional enfrentaram uma perda de seus empregos. A autora ainda ressalta que as desigualdades foram maiores entre grupos educacionais do que entre gênero.

Os estudos realizados para a América Latina a fim de analisar os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o mercado de trabalho, apontam situações similares ao encontrado na literatura para os Estados Unidos e Europa. Segundo Maurizio e Bertranou (2021), nos dois primeiros trimestres de 2020, houve uma redução de 9 pontos percentuais (p.p.) na taxa média de ocupação em países como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Peru, Paraguai e Uruguai. Houve uma grande transição da ocupação para o desemprego e inatividade. Os setores de hospedagem, alimentação e serviços domésticos foram ainda mais prejudicados pela pandemia nesses locais (KHAMIS et al., 2021).

Além disso, os grupos mais afetados pela crise foram os mais vulneráveis, como mulheres, jovens, indivíduos não brancos e trabalhadores com baixa qualificação. Esses resultados são atribuídos a fatores como a maior inserção desses grupos em setores mais afetados pela pandemia, pela maior participação em ocupações informais e pela dificuldade em conciliar a atividade no mercado de trabalho com o aumento da demanda de atividades domésticas. Portanto, a crise ressalta ainda mais as desigualdades sociais já existentes (GUTIÉRREZ; MARTIN; ÑOPO, 2020; MAURIZIO; BERTRANOU, 2021).

Por sua vez, Galasso e Foucault (2020) realizam uma análise para doze países, incluindo o Brasil. Os resultados indicam que pessoas mais escolarizadas possuem maior probabilidade de realizarem trabalho remoto. Ademais, pessoas ocupadas em trabalho de meio período têm maiores chances de ficarem desempregadas, enquanto indivíduos com renda familiar mais elevada apresentam menor probabilidade de ficarem ociosas. Os resultados da coleta de dados para o Brasil sugerem que, além dos resultados já mencionados, as mulheres são mais propensas a trabalhar em casa do que os homens e possuem maior probabilidade de parar de trabalhar.

Em uma análise específica para o Brasil, Costa, Barbosa e Hecksher (2021) alcançam resultados que apontam que, durante a pandemia, as desigualdades não sofreram redução, assim, os piores indicadores ficaram associados aos grupos mais vulneráveis. Usando um modelo probit, os resultados indicam um intenso aumento nas chances de sair da condição de ocupado para inatividade e uma redução das chances de conseguir um emprego. Mesmo controlando por características individuais e postos de trabalhos, mulheres, negros e jovens são os grupos mais propensos a perderem as suas ocupações. No que tange os setores mais afetados no país em termos de ocupação, segundo Bridi (2020), Corseuil et al. (2021), Mattei e Heinen (2020) estes foram os setores de Comércio, Serviços domésticos, Atividades de alojamento, Alimentação e Construção civil.

Os autores Wroblevski, Catelan e Souza (2021) empregam os modelos logit multinomial e Oaxaca-Blinder para identificar, entre os indivíduos inicialmente ocupados, aqueles que apresentaram as maiores probabilidades de transição para o desemprego e para a inatividade durante a pandemia no Brasil. Os resultados sugerem que as mulheres, os não brancos, os jovens e os menos escolarizados apresentaram maiores probabilidades de transição para o desemprego e para a inatividade no período pandêmico. Ademais, parte significativa da ampliação das diferenças se deu pela disparidade de escolaridade.

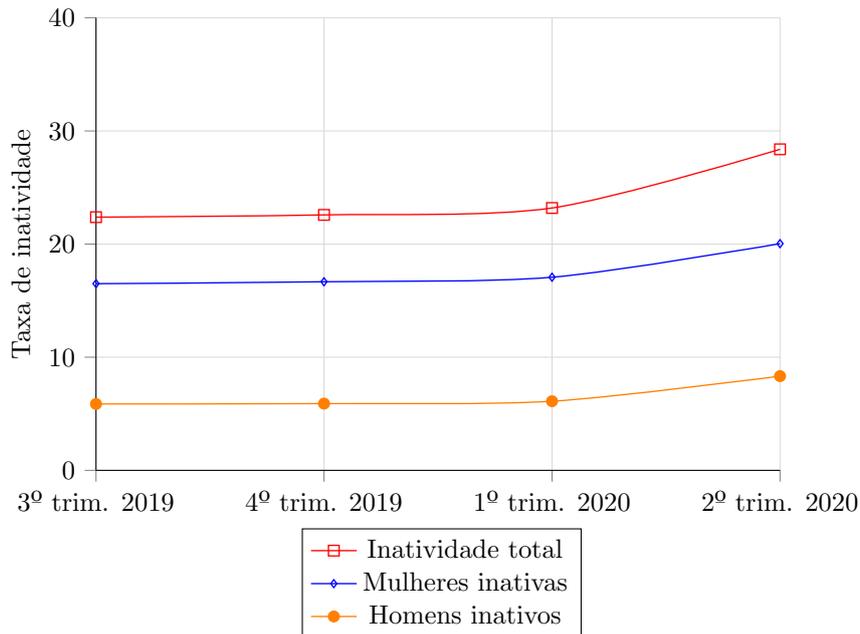
Assim, as evidências empíricas que visam analisar os impactos da pandemia sobre o trabalho encontram, em sua maior parte, resultados que apontam para uma maior perda de postos de trabalhos e uma transição para a inatividade de forma mais frequente para as mulheres, especialmente para mães de crianças pequenas. Os efeitos sobre a perda do emprego podem ser persistentes, dado que há um alto retorno à experiência no mercado de trabalho (ALON et al., 2020).

Condizendo com os resultados obtidos na literatura nacional, a Figura 1 mostra o aumento da taxa de inatividade ao longo do período analisado, da amostra utilizada na realização do presente estudo, composta por pessoas com idade entre 21 a 50 anos². Na inatividade, estão inclusos os indivíduos que não estavam trabalhando e não procuraram trabalho nos últimos 30 dias, dada a data de pesquisa. No terceiro trimestre de 2019, 22,38% da população se encontrava inativa, sendo 16,50 p.p. composto por mulheres e 5,87 p.p. por homens. Já no segundo trimestre de 2020, há um aumento dessa taxa e 28,38% da população estava em situação de inatividade, em que 20,04% p.p. consiste em mulheres inativas e 8,33% em homens. Assim, houve um maior aumento da inatividade para as

² Apesar de nas estimações a amostra ser restringida para pessoas ocupadas no terceiro trimestre de 2019, as estatísticas descritivas aqui apresentadas não fazem tal restrição.

mulheres, que já eram maioria em tal situação, reforçando as desigualdades já existentes.

Figura 1 – Taxa da taxa de inatividade



Por sua vez, na Figura 2 é observado um pequeno aumento na taxa de desocupação entre pessoas de 21 a 50 anos. São considerados desocupados os indivíduos que estavam desempregados e tomaram providências para procurar trabalho nos 30 dias anteriores a pesquisa. No terceiro trimestre de 2019, 8,35% da amostra estava desempregada, em que 4,59 p.p. eram mulheres e 3,75% p.p. eram homens. Quanto ao segundo trimestre de 2020, 8,93% da amostra se encontrava em situação de desocupação, sendo 4,57 p.p. constituído de mulheres e 4,35 p.p. de homens. Portanto, há uma baixa redução do número de mulheres desocupadas e um breve aumento do número de homens em tal situação.

No que diz respeito a ocupação, 69,27% da amostra, composta por indivíduos com idade entre 21 e 50 anos, estava ocupada no terceiro trimestre de 2019, sendo cerca de 30,30 p.p. mulheres ocupadas e 38,95 homens ocupados. Com o início da pandemia, a taxa de ocupação total foi para 62,69% no segundo trimestre de 2020, em que 29,75 p.p. eram mulheres 35,25 p.p. eram homens. Desse modo, em p.p., a redução da desocupação é maior para os homens.

Dadas as evidências empíricas, o objetivo do trabalho é analisar os principais determinantes da transição do emprego para o desemprego ou inatividade durante a crise causada pela Covid-19. Como avanço em relação a literatura, o trabalho busca melhor entender os efeitos de ser mulher em ocupação informal ou ter filho frequentando a escolha sobre a transição para o desemprego ou inatividade.

Figura 2 – Taxa da taxa de desocupação

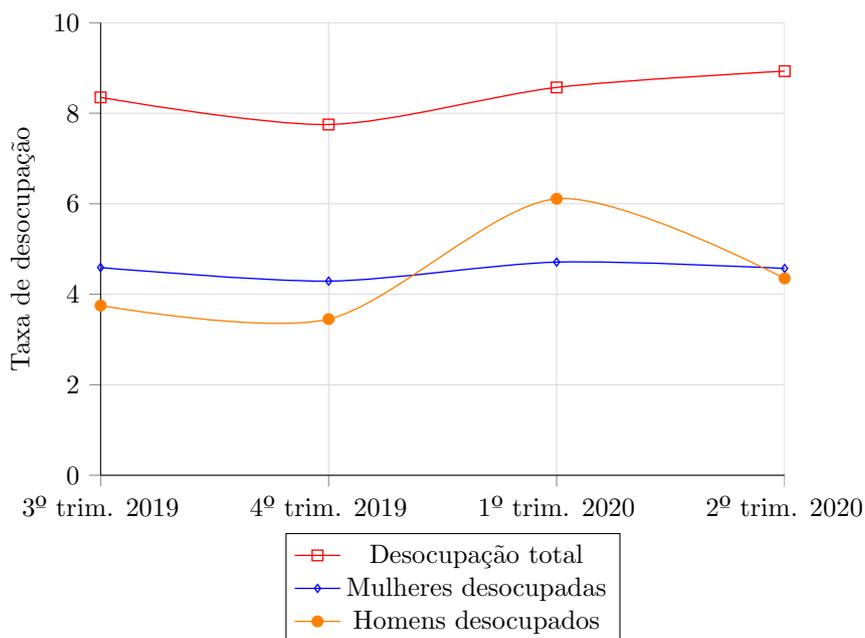
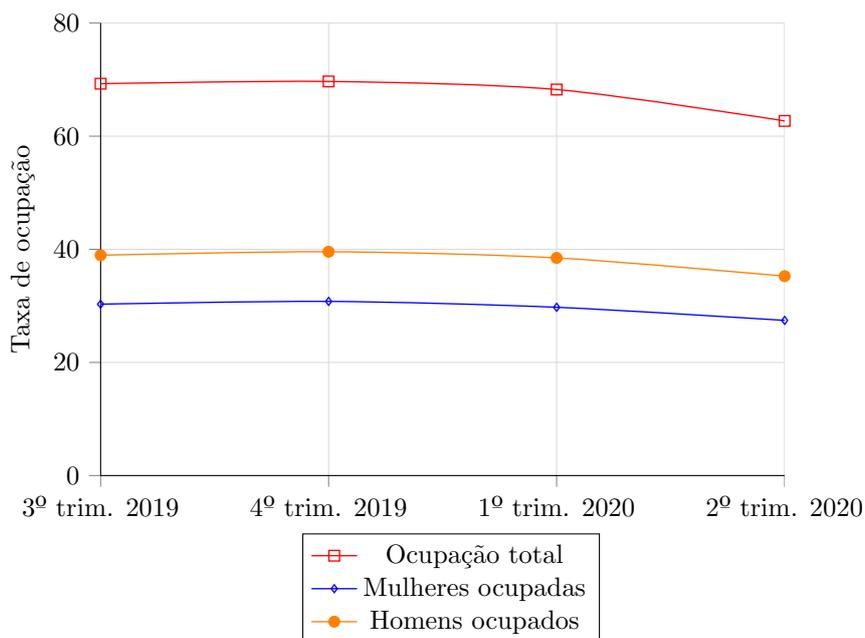


Figura 3 – Taxa da taxa de ocupação



4 Estratégia Empírica

A variável dependente utilizada é $\Delta y_{i,a}^t$, que é a mudança na participação “no trabalho” para o indivíduo i no terceiro trimestre (t) para o ano de 2019 (a) em relação ao segundo ou terceiro trimestre de 2020. Ela é definida como uma variável binária (1, 0), sendo igual a 1 para o indivíduo que estava empregado no terceiro trimestre de 2019 e continuou empregado no segundo ou terceiro trimestre de 2020, e 0 para o indivíduo que estava empregado no terceiro trimestre de 2019 e passou para o desemprego ou inatividade no segundo ou terceiro trimestre de 2020. Assim, a amostra é restringida para começar com indivíduos ocupados.

A equação é dada por:

$$\Delta y_{i,a}^t = \alpha + \beta_n X_n + \epsilon \quad (1)$$

em que β_n são os coeficientes da regressão relacionados às variáveis explicativas, dadas por X_n . As variáveis explicativas utilizadas são exibidas na Tabela 1. As principais variáveis de interesse são as *dummies* de interação Mulher*Filho e Mulher*Informal. Dada a dificuldade de interpretação de variáveis de interação em modelos logit e probit, o modelo implementado é o mínimos quadrados ordinários, assim como realizado em [Goldin \(2022\)](#).

Deve-se ressaltar que, como limitação da estratégia empírica, têm-se o fato de que as transições ocorridas entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2020 não são contempladas na base. Assim, indivíduos que saíram do emprego durante esse período e permaneceram fora da força de trabalho no segundo trimestre de 2020, têm sua transição contabilizada como se tivesse ocorrido após o início da crise.

5 Resultados

As estimações são realizadas considerando transições entre diferentes trimestres de 2020. As colunas (1) e (2) apresentam os resultados da análise de transição entre o terceiro trimestre de 2019 e o segundo trimestre de 2020. Por sua vez, as colunas (3) e (4) apresentam os resultados de transição entre o o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2020.

Foram realizadas duas regressões para cada uma das combinações trimestrais, a fim de analisar as principais hipóteses do trabalho. A primeira delas considera a variável de interação Mulher*Filho, cujos resultados são apresentados nas colunas (1) e (3) da Tabela 2. A segunda estimação é realizada com a variável de interação Mulher*Informal e os resultados são apresentados nas colunas (2) e (4).

Como esperado, os resultados sugerem, em todas as estimações, que ser mulher aumenta as chances de transitar do emprego para o desemprego ou inatividade. Tal resultado pode ser explicado por fatores como o aumento da demanda por tempo gasto em afazeres domésticos e cuidado com pessoas, assim como a redução de oportunidade de encontrar emprego, dado que os setores mais afetados pela pandemia são predominantemente femininos ([ILO, 2020](#); [GALASSO; FOUCAULT, 2020](#)).

Por sua vez, ter filho que frequentava a escola no terceiro trimestre de 2019 reduz as chances de transitar para o desemprego ou inatividade. Apesar disso, quando a interação Mulher*Filho é analisada, os resultados sugerem que há um aumento da probabilidade de transição, sendo este resultado mais expressivo na análise de transição no terceiro trimestre de 2020. Tal resultado sugere a sobrecarga de cuidado com os filhos, gerada pelo fechamento de creches e escolas recaiu, principalmente, sobre as mães, assim como apontado nos trabalhos de [Hank e Steinbach \(2021\)](#), [Sevilla e Smith \(2020\)](#), [Biroli et al. \(2021\)](#), dentro outros.

Estar empregado em uma ocupação informal no terceiro trimestre de 2019 aumenta as chances de transição. Ademais, a variável de interação Mulher*Informal também indica que há um aumento da probabilidade de sair do emprego para o desemprego ou inatividade. Assim, ambas as variáveis de interação possuem um efeito positivo sobre a saída do emprego. Não obstante, pode-se observar que ser mulher e estar em um emprego informal em 2019 possui maior impacto sobre a transição do que ser mulher e ter filho que frequentava a escola. Tal resultado reforça evidências empíricas anteriores de que parte significativa do fluxo de perda de emprego se deve à saída do emprego informal (MOREIRA; FOGUEL; CORSEUIL, 2021).

A análise da variável racial aponta que pessoas não brancas possuem maior probabilidade de transitar para o desemprego, enquanto o aumento da idade reduz tal probabilidade. Tais resultados se assemelham aos já encontrados pela literatura nacional por Corseuil et al. (2021), Costa, Barbosa e Hecksher (2021) e Wroblevski, Catelan e Souza (2021), reforçando que negros e jovens sofreram maior perda de postos de trabalho durante a pandemia do que pessoas brancas e mais velhas.

No que tange ser o chefe de família, há menores chances de mudar o *status* de empregado para o desemprego ou inatividade. Em relação à escolaridade, possuir ensino médio completo ou ensino superior diminui as chances de transição, sendo este resultado mais expressivo para o ensino superior. Assim, o resultado corrobora com trabalhos realizados por (GOLDIN, 2022; FARRÉ et al., 2020; GUTIÉRREZ; MARTIN; ÑOPO, 2020; MAURIZIO; BERTRANOU, 2021; GALASSO; FOUCAULT, 2020) e sugere que o diferencial escolar foi um fator importante para o aumento das desigualdades no mercado de trabalho durante a pandemia.

Tabela 2 – Resultados do modelo

Variáveis	2º tri. 2020		3º tri. 2020	
	(1)	(2)	(3)	(4)
Feminino	0,0263*** (6,85e-05)	0,0164*** (7,59e-05)	0,0207*** (5,66e-05)	0,0137*** (6,25e-05)
Filho estudante	-0,00319*** (8,29e-05)	-0,00152*** (6,18e-05)	-0,00295*** (6,78e-05)	0,00111*** (5,04e-05)
Informal	0,0424*** (5,84e-05)	0,0310*** (7,74e-05)	0,0212*** (4,81e-05)	0,0111*** (6,39e-05)
Mulher*Filho	0,00380*** (0,000123)		0,00902*** (0,000101)	
Mulher*Informal		0,0255*** (0,000114)		0,0226*** (9,42e-05)
Negro	0,0184*** (5,82e-05)	0,0183*** (5,81e-05)	0,00600*** (4,78e-05)	0,00593*** (4,78e-05)
Idade	-0,00111*** (3,56e-06)	-0,00110*** (3,56e-06)	-0,000526*** (2,94e-06)	-0,000518*** (2,94e-06)
Chefe	-0,00676*** (5,86e-05)	-0,00728*** (5,86e-05)	-0,00866*** (4,83e-05)	-0,00913*** (4,83e-05)
Dependente	0,00441*** (5,73e-05)	0,00439*** (5,73e-05)	0,00263*** (4,68e-05)	0,00260*** (4,67e-05)
EM Completo	-0,00659*** (6,95e-05)	-0,00729*** (6,95e-05)	-0,00383*** (5,73e-05)	-0,00443*** (5,73e-05)
Ensino Superior	-0,0254*** (7,59e-05)	-0,0256*** (7,58e-05)	-0,0163*** (6,24e-05)	-0,0165*** (6,24e-05)
Constante	0,0724*** (0,000154)	0,0772*** (0,000155)	0,0446*** (0,000127)	0,0481*** (0,000128)
Observações	71.944.595	71.944.595	69.271.328	69.271.328
R ²	0,017	0,018	0,010	0,010

Nota: Erros padrão em parênteses

*** p<0,01, ** p<0,05, * p<0,1

6 Considerações Finais

A crise causada pela pandemia da COVID-19 teve impactos substanciais e repentinos em diversos aspectos da sociedade. Em relação ao mercado de trabalho, há um aumento da informalidade, do desemprego e da inatividade e redução das horas trabalhadas. Esse estudo teve como analisar os principais determinantes da transição do emprego para o desemprego ou inatividade durante a crise causada pela Covid-19, especialmente para as mulheres. Foram utilizadas as bases de dados do terceiro trimestre da PNADC de 2019 em conjunto com os dados segundo trimestre de 2020 da mesma base e aplicado o método de mínimos quadrados ordinários.

Os resultados obtidos apontam que, ser do sexo feminino aumenta a probabilidade de que se transite para o desemprego ou inatividade, em relação aos homens. Além disso, as variáveis de interação Mulher*Filho e Mulher*Informal também contribuem para que ocorra a saída do emprego. Apesar do impacto positivo dos filhos que frequentam a escola sobre a saída do emprego, deve-se ressaltar que estar empregado em ocupação informal no período pré pandêmico possui mais relevância para a transição.

Portanto, os resultados aqui sugerem que a vulnerabilidade do trabalho feminino durante a pandemia possui uma maior relação com a informalidade e com a falta de seguridade social do que com a maternidade. Sabe-se que, dentre os motivos para a maior inserção feminina em empregos informais está a maternidade e a demanda por afazeres domésticos e cuidado de pessoas. Assim, é importante elaborar políticas públicas e incentivos para que as mulheres se insiram de forma mais consistente em empregos formais, o que envolve a oferta de vagas escolares para crianças e adolescentes.

Dentre as futuras análises, sugere-se um aprofundamento no que tange a perda de trabalho nos setores predominadas por mulheres que, em sua maioria, empregam uma parcela significativa de trabalhadores informais, como comércio e serviços.

Referências

- ADAMS-PRASSL, A. et al. Inequality in the impact of the coronavirus shock: Evidence from real time surveys. *Journal of Public Economics*, Elsevier, v. 189, p. 104245, 2020.
- ADDATI, L. et al. Care work and care jobs for the future of decent work. *Op. cit*, 2018.
- ADEMA, W.; CLARKE, C.; THEVENON, O. *Background brief on fathers' leave and its use*. [S.l.]: Paris: OECD Social Policy Division, Directorate for Employment, Labour, 2016.
- ALON, T. et al. *The impact of COVID-19 on gender equality*. [S.l.], 2020.
- ANDREW, A. et al. How are mothers and fathers balancing work and family under lockdown. *Institute for Fiscal Studies*, 2020.
- AVDIU, B.; NAYYAR, G. When face-to-face interactions become an occupational hazard: Jobs in the time of covid-19. *Economics Letters*, Elsevier, v. 197, p. 109648, 2020.

- BARBOSA, A.; COSTA, J. S.; HECKSHER, M. Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes. *Mercado de Trabalho: conjuntura e análise*, n. 69, p. 55–63, 2020.
- BÉLAND, L.-P.; BRODEUR, A.; WRIGHT, T. The short-term economic consequences of covid-19: exposure to disease, remote work and government response. IZA discussion paper, 2020.
- BIROLI, P. et al. Family life in lockdown. *Frontiers in psychology*, Frontiers Media SA, v. 12, 2021.
- BLUNDELL, R. et al. Covid-19 and inequalities. *Fiscal studies*, Wiley Online Library, v. 41, n. 2, p. 291–319, 2020.
- BOCA, D. D. et al. Women’s and men’s work, housework and childcare, before and during covid-19. *Review of Economics of the Household*, Springer, v. 18, n. 4, p. 1001–1017, 2020.
- BRAND, J. E. The effects of job displacement on job quality: Findings from the wisconsin longitudinal study. *Research in Social Stratification and Mobility*, Elsevier, v. 24, n. 3, p. 275–298, 2006.
- BRIDI, M. A. A pandemia covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no brasil. *Estudos avançados*, SciELO Brasil, v. 34, p. 141–165, 2020.
- CARLI, L. L. Women, gender equality and covid-19. *Gender in Management: An International Journal*, Emerald Publishing Limited, 2020.
- CARLSON, D. L.; PETTS, R.; PEPIN, J. R. Us couples’divisions of housework and childcare during covid-19 pandemic. *University of UT, Salt Lake City, UT*, 2020.
- COLLINS, C. et al. Covid-19 and the gender gap in work hours. *Gender, Work & Organization*, Wiley Online Library, v. 28, p. 101–112, 2021.
- CORSEUIL, C. H. L. et al. Comportamento do mercado de trabalho brasileiro em duas recessões: análise do período 2015-2017 e da pandemia de covid-19. In: *Comportamento do mercado de trabalho brasileiro em duas recessões: análise do período 2015-2017 e da pandemia de Covid-19*. [S.l.: s.n.], 2021. p. 20–20.
- COSTA, J. S.; BARBOSA, A. L. N. d. H.; HECKSHER, M. Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da covid-19. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2021.
- COWAN, B. W. *Short-run effects of COVID-19 on US worker transitions*. [S.l.], 2020.
- DAVIS, S. J.; WACHTER, T. M. V. *Recessions and the cost of job loss*. [S.l.], 2011.
- FAIRLIE, R. W.; COUCH, K.; XU, H. *The impacts of COVID-19 on minority unemployment: First evidence from April 2020 CPS microdata*. [S.l.], 2020.
- FANA, M. et al. *The COVID confinement measures and EU labour markets*. [S.l.]: Publications Office of the European Union Luxembourg, 2020.
- FARRÉ, L. et al. How the covid-19 lockdown affected gender inequality in paid and unpaid work in spain. IZA Discussion paper, 2020.
- GALASSO, V.; FOUCAULT, M. Working during covid-19: Cross-country evidence from real-time survey data. OECD, 2020.
- GOLDIN, C. *Understanding the Economic Impact of COVID-19 on Women*. [S.l.], 2022.

- GUTIÉRREZ, D.; MARTIN, G.; ÑOPO, H. The coronavirus pandemic and its challenges to women's work in latin america. Grupo de Análisis para el Desarrollo, 2020.
- HANK, K.; STEINBACH, A. The virus changed everything, didn't it? couples' division of housework and childcare before and during the corona crisis. *Journal of Family Research*, v. 33, n. 1, p. 99–114, 2021.
- HUPKAU, C.; PETRONGOLO, B. Work, care and gender during the covid-19 crisis. *Fiscal studies*, Wiley Online Library, v. 41, n. 3, p. 623–651, 2020.
- ILO, M. Covid-19 and the world of work. *Updated estimates and analysis*, 2020.
- KHAMIS, M. et al. The early labor market impacts of covid-19 in developing countries. World Bank, Washington, DC, 2021.
- KRISTAL, T.; YAISH, M. Does the coronavirus pandemic level the gender inequality curve?(it doesn't). *Research in Social Stratification and Mobility*, Elsevier, v. 68, p. 100520, 2020.
- MA, S.; SUN, Z.; XUE, H. Childcare needs and parents' labor supply: Evidence from the covid-19 lockdown. *Available at SSRN 3630842*, 2020.
- MATTEI, L.; HEINEN, V. L. Impactos da crise da covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. *Brazilian Journal of Political Economy*, SciELO Brasil, v. 40, p. 647–668, 2020.
- MAURIZIO, R.; BERTRANOU, F. The labor market in latin america at the time of the covid-19 pandemic: impacts, responses and perspectives. *Gaceta Medica de Caracas*, p. S156–S171, 2021.
- MONTENOVO, L. et al. *Determinants of disparities in covid-19 job losses*. [S.l.], 2020.
- MOREIRA, A.; FOGUEL, M. N.; CORSEUIL, C. H. The ins and outs of unemployment over different time horizons. *Empirical Economics*, Springer, v. 60, n. 5, p. 2533–2556, 2021.
- POULIAKAS, K.; BRANKA, J. Eu jobs at highest risk of covid-19 social distancing: Will the pandemic exacerbate labour market divide? IZA Discussion Paper, 2020.
- REICHELT, M.; MAKOVI, K.; SARGSYAN, A. The impact of covid-19 on gender inequality in the labor market and gender-role attitudes. *European Societies*, Taylor & Francis, v. 23, n. sup1, p. S228–S245, 2021.
- SEVILLA, A.; SMITH, S. Baby steps: the gender division of childcare during the covid-19 pandemic. *Oxford Review of Economic Policy*, Oxford University Press UK, v. 36, n. Supplement_1, p. S169–S186, 2020.
- UN, W. The impact of covid-19 on women's and men's lives and livelihoods in europe and central asia: Preliminary results from a rapid gender assessment. *Istanbul, available at: <https://data.unwomen.org/publications/impact-covid-19-womens-and-mens-lives-and-livelihoodseurope-and-central-asia>*, 2020.
- UN, W. The impact of covid-19 on women's and men's lives and livelihoods in europe and central asia: Preliminary results from a rapid gender assessment. *Istanbul, available at: <https://data.unwomen.org/publications/impact-covid-19-womens-and-mens-lives-and-livelihoodseurope-and-central-asia>*, 2020.
- WROBLEVSKI, B.; CATELAN, D. W.; SOUZA, K. B. d. Perda recente da ocupação no mercado de trabalho brasileiro: Uma análise no contexto da pandemia de covid-19. 2021.